

Civis comandam resistência em Kiev com fuzis e molotovs



Subterrâneos da resistência. Civis ucranianos fabricam coquetéis-molotovs no subsolo de um prédio em Kiev para usar contra as tropas russas que invadem a capital, na tentativa de deter seu avanço

GUERRA NA EUROPA

MOBILIZAÇÃO CIVIL COM COQUETÉIS-MOLOTOVS E FUZIS, É A POPULAÇÃO QUE RESISTE EM KIEV

YAN BOECHAT
KIT

À primeira vista, parecia uma dessas enfiadonas reuniões de condomínio. Numa sala grande, com cadeiras acolhoadas, homens de meia idade, alguns jovens de rostos púberes e comportadas senhoras conversavam de forma tranquila, quase jovial. Ao fundo, um grupo comia arroz, batatas cozidas e o que parecia ser um ensopado de carne. A cena pedestre do que lembrava mais uma dessas tardes modorrentas de sábado só era rompida por pequenos grupos armados com fuzis AK-47 cruzando o salão em direção ao subsolo desse edifício residencial no centro de Kiev.

Uma porta de aço dava acesso a uma longa escada de concreto mal iluminada por lâmpadas incandescentes. Após um primeiro lance, um grupo de homens já de cabelos brancos conversava animadamente ao lado de uma pilha de fuzis e caixas de munição. Enquanto falavam, iam carregando os pentes com balas de calibre 7.62 para abastecer os rifles que seriam levados em algumas horas para as posições de defesa na periferia de Kiev. — Hoje acho que matei pelo menos dois russos, conseguimos segurar eles lá perto do zoológico... Logo eu, que sou um sujeito que sempre gostei de vida boa, nunca me envolvi em confusão, trabalhei a vida toda como editor de livros — disse o homem de cabelos grisalhos, um pouco acima do peso, que garantia chamar-se Richard e ter 42 anos de idade. — Todo mundo aqui é como eu,

gente normal, como você, que não vai permitir que os invasores controlem nossa terra — disse, reclamando estar cansado de ter dormido poucas horas na última noite de batalhas.

Richard conta que é o diretor desse centro de recrutamento de combatentes civis do Svoboda, um partido político ultranacionalista ucraniano acusado muitas vezes de aceitar entre seus membros integrantes de grupos neonazistas.

— Isso é uma besteira, não temos problemas com ninguém, nem com os russos, só temos como lema defender a Ucrânia acima de tudo — contou, ao lado de seu rifle equipado com uma lente de visão noturna. — Este é para as caçadas noturnas.

CONVOCAÇÃO GERAL

Nos últimos dias, o governo ucraniano fez uma convocação aberta a toda a população para engajar-se na luta contra os soldados russos que se aproximavam de Kiev. Em um hipódromo a alguns quilômetros do centro da cidade, caminhões carregados com AKs-47 chegavam a todo momento. Os fuzis criados na vizinha Rússia eram distribuídos a qualquer um disposto a lutar. Fuzis novos, ainda cheirando ao óleo usado na lubrificação do armamento recém-saído das caixas. Junto, uma caixa de munições para cada um.

Kiev está repleta de civis armados, muitos sem nenhuma experiência militar. Na tarde de ontem em Dnipro, uma cidade a leste de Kiev, um grupo baleou dois jornalistas dinamarqueses acreditando que eram espies russos por não responderem ao pedido de contra-senha em ucraniano.



Força auxiliar. Membro de milícia paramilitar monta guarda diante de um prédio; sem soldados à vista no centro de Kiev

Um grupo de jornalistas do qual eu fazia parte foi convidado a sair do local de forma cortês por um homem que se dizia oficial da Inteligência. Ele afirmava que muitos dos homens que estavam ali recebendo suas armas acreditavam que em nosso grupo espies russos poderiam estar infiltrados.

Enquanto homens se armam, mulheres e jovens universitários se concentram em fábricas improvisadas de coquetel molotov no centro da cidade. Em um edifício a pouco menos de um quilômetro da Praça da Independência, uma dúzia de jovens meninas, senhoras e profissionais recém-saídos da universidade se concentram na produção da mistura de óleo diesel e gasolina que veio a ganhar o nome

do chanceler da União Soviética na Segunda Guerra Mundial, Vyacheslav Mikheylovich Molotov. Estão aqui nos últimos três dias, produzindo armas rústicas, com as quais eles parecem acreditar que poderão frear os tanques russos.

Olga tem só 29 anos e havia acabado de conquistar um emprego como gerente de projetos em uma empresa de comunicação corporativa.

— Agora veja como estou, recolhendo as garrafas de vinho que tinha em casa, as garrafas de vodka de uma festa na semana passada para fabricar coquetéis-molotovs — disse ela, gargalhando, enquanto colocava pedaços de isopor dentro das garrafas que logo seriam abastecidas com óleo e gasolina. — Estamos vivendo o que nossos avós e bis-



“Hoje acho que matei pelo menos dois russos, conseguimos segurar eles lá perto do zoológico... Logo eu, que sou um sujeito que sempre gostei de vida boa, nunca me envolvi em confusão, trabalhei a vida toda como editor de livros”

Richard, coordenador de um centro de recrutamento em Kiev

vós viveram há 80 anos quando os alemães invadiram Kiev, a História está se repetindo, uma História que todos nós aqui imaginávamos ter ficado no passado — contou Olga, num inglês quase sem o sotaque tradicional e forte dos ucranianos.

Junto com ela está uma mulher de meia idade, que não quer dizer seu nome, mas não se importa em ser fotografada. Elas fazem parte da segunda estação de uma linha de montagem organizada. São responsáveis por esfregar pedaços de isopor retirados de embalagens de produtos eletrônicos e colocar os grãos dentro das garrafas.

— Isopor ajuda a ampliar o fogo, mantê-lo por mais tempo — contou um jovem, que diz se chamar Yoroslav. — Sou químico, por isso sei essas coisas — disse ele, responsável pela estação de abastecimento das garrafas com o óleo e a gasolina.

Nas ruas vazias de Kiev, motoristas rodam pela cidade em busca de um posto de gasolina aberto. Desde o início dos ataques russos, na quinta-feira, as linhas de fornecimento de bens para Kiev parecem ter colapsado. Já não há gasolina nem remédios nas farmácias, e os caixas eletrônicos deixaram de ser abastecidos.

O sistema bancário funciona de forma intermitente e as poucas lojas que seguíam abertas até sexta só aceitavam dinheiro vivo. Ontem, praticamente tudo fechou. Apenas alguns supermercados ainda estavam abertos e concentravam filas intermináveis de clientes.

No início da tarde, as forças de segurança de Kiev anunciaram que o toque de recolher começaria às 17h, ao contrário do usual horário dos últimos dias, às 22h. Uma hora depois, o anúncio foi refutado. Kiev estava em toque de recolher permanente das 17h de sábado até a manhã de segunda-feira. Qualquer pessoa na rua seria considerada inimigo, e os soldados e as milícias têm autorização para atirar para matar.

BARRICADAS IMPROVISADAS

O clima de tensão na cidade cresceu de forma dramática ao longo do dia de ontem. Logo às 3h, explosões foram ouvidas por toda a cidade. Um edifício residencial foi atingido por um míssil. O ataque fez estrago, mas não deixou vítimas. Todos os moradores estavam em abrigos subterrâneos.

Ao longo da madrugada, também houve relatos de batalhas intensas na região do zoológico, onde pequenos grupos de forças especiais russas teriam tentado penetrar nas linhas de defesa da cidade.

Em toda a região central, parecia haver poucos preparativos para uma batalha rua a rua. A presença de soldados e equipamentos militares também era quase nula. Pela manhã, moradores que são vizinhos ao zoológico tentavam construir barricadas improvisadas com pneus e tijolos. Dois homens cavavam um jardim de uma praça e enchiam sacos de supermercado com terra e grama, na tentativa de criar proteção semelhante aos sacos com areia compactada.

Kiev parece estar se preparando para uma nova revolução civil como a de Maidan, que levou à queda de um governo pró-Rússia em 2014, e não para uma guerra contra um dos exércitos mais preparados do mundo.

RÚSSIA REFORÇA OFENSIVA METADE DAS TROPAS MOBILIZADAS JÁ PARTICIPA DO ATAQUE, DIZEM EUA



A névoa da guerra. Pessoas se agacham depois de um alerta de ataque aéreo em Kiev, guerra de informações entre russos, ucranianos e seus aliados torna difícil fazer o balanço de vítimas e da situação militar

ANDRÉ DUCHIADE
@andraduchiaide@globo.com

Mais da metade das tropas da Rússia concentradas na fronteira com a Ucrânia — calculadas, logo antes da invasão, em até 190 mil — já foram deslocadas e agora participam do ataque ao país vizinho, aumentando em 50% os soldados mobilizados em relação à véspera, informaram ontem autoridades americanas.

A informação coincide com a afirmação do Ministério da Defesa russo de que suas unidades na Ucrânia receberam ontem a ordem de retomar sua ofensiva em todas as frentes, após uma pausa na sexta-feira.

No terceiro dia de batalha, a Rússia intensificou os bombardeios e investiu, com ataques pontuais, contra alvos em Kiev. Apesar da ação de pequenos grupos táticos, o grosso das tropas russas perto da capital concentra-se a cerca de 30 quilômetros ao norte, segundo a Inteligência britânica, e o ataque principal ainda parece não ter começado.

Em termos nacionais, as tropas russas continuam a avançar em três eixos, do Sul, do Norte e do Leste. Todos os la-

dos procuram emitir mensagens para prejudicar o moral do inimigo e incentivar suas próprias tropas, e, embora haja confrontos em curso, não se sabe como o Kremlin avalia sua evolução estratégica. Pelo segundo dia seguido, autoridades americanas informaram que os líderes russos se mostram frustrados com o desenvolvimento de sua campanha, que até agora evita a artilharia pesada e os bombardeios mais intensos e prioriza ataques contra alvos como aeroportos.

ALEMANHA DOA ARMAS

Dentro da Ucrânia, há relatos de deslocamento de artilharia pesada russa, o que pode significar um aumento do uso de armas que provocam maiores estragos — e mais vítimas civis. Desde o começo da ofensiva, as forças russas se deslocam principalmente por estradas, o que permite maior velocidade, mas aumenta a exposição a ataques.

A arma mais eficiente para a Ucrânia são lança-foguetes portáteis como os RPGs (granadas com propulsão a foguete), capazes de infringir danos em tanques e blindados. A Alemanha anunciou a doação de 400 dessas armas para a Ucrânia, pela primeira vez forne-

MAPA GERAL DA OFENSIVA RUSSA

Um dia após o presidente da Rússia, Vladimir Putin, autorizar uma invasão militar em larga escala da Ucrânia, as tropas russas alcançaram Kiev



Editoria de Arte

cendo armamentos para um país em conflito desde a Segunda Guerra Mundial.

Os ataques sobre Kiev começaram de madrugada. O Exército da Ucrânia afirmou que os russos "atacaram uma das unidades militares na Avenida Perehomyi", a segunda via mais longa da capital. "O ataque foi

repellido", acrescentaram. Não houve comentários de Moscou. O comando aéreo ucraniano relatou intensos combates perto da base aérea de Vasylykiv, no sudoeste da capital, que disse estar sob ataque de paraquedistas russos.

Segundo a Reuters, um projétil atingiu uma área perto do

aeroporto, danificando uma base militar. Forças russas tentaram dominar a usina hidrelétrica de Kiev, mas há relatos divergentes sobre quem controla a instalação. Autoridades ucranianas disseram ter impedido um míssil de atingi-la. O aeródromo de Hostomel, que esteve sob ataque, foi conqui-

tado pelas forças russas.

Autoridades americanas e ucranianas informam que dois aviões russos de transporte militar Ilyushin Il-76 foram derrubados, mas não ofereceram imagens confirmando a informação. Essas aeronaves podem transportar equipamentos ou soldados, cada uma com capacidade para 125 paraquedistas. A Rússia não se manifestou sobre o caso.

O Ministério da Defesa da Rússia disse em comunicado que lançou ataques com mísseis de cruzeiro durante a noite contra alvos na Ucrânia, mas alegou "visar exclusivamente a infraestrutura militar". A maioria dos progressos russos continua a se concentrar no Sul, onde foi anunciada a tomada da cidade de Melitopol. Testemunhas confirmaram a entrada das tropas de Moscou, e uma bandeira da Rússia foi hasteada no prédio do governo. Isto faz da cidade de 150 mil habitantes o maior território urbano sob controle russo. Na sexta-feira, Kherson, também no Sul, de 230 mil, foi ocupada, mas forças ucranianas contra-atacaram, e jornalistas ucranianos relatam que ela está de novo sob controle do Exército de Kiev.

SOLDADOS CHECHENOS

Cidades no Nordeste, como Sumy e Poltava, registraram confrontos ontem. Há poucas informações sobre Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana, a apenas 65 quilômetros da fronteira com a Rússia. Sabe-se que há estradas de acesso tomadas por veículos militares russos destruídos. O ditador da região russa da Chechênia e aliado Vladimir Putin, Ramzan Kadyrov, disse que tropas especiais chechenas, com cerca de 12 mil militares, foram enviadas para a Ucrânia, e aconselhou Zelensky a "pedir desculpas" a Putin.

É impossível ter certeza do número de vítimas da guerra. A Ucrânia diz que matou mais de 3.500 russos e capturou cerca de 200 desde o início do conflito. O Ministério da Saúde da Ucrânia fala em 198 civis mortos até agora, incluindo três crianças. Essas informações dificilmente são precisas, pois isso significaria 17 russos mortos para cada ucraniano.

Várias vezes ao dia, o presidente Volodymyr Zelensky divulga mensagens dizendo estar bem e dentro da capital. Numa mensagem à tarde gravada em frente à residência oficial, ele disse que forças ucranianas sabotaram um plano para capturá-lo, descrevendo-se como "o alvo número 1".

Segundo jornais americanos, o governo dos EUA ofereceu ajuda para retirar Zelensky de Kiev, mas por enquanto ele rejeitou a oferta. (Com agências internacionais)

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 20,21